

A VOZ ROUCA

que não se cala

#3 BH

avozouca.org

f A Voz Rouca de BH

A VOZ DE QUEM?

Este coletivo autônomo de trabalhadores da educação sentiu a necessidade de falar sobre as condições de trabalho com as quais convivemos em nosso cotidiano. Para isso, nos juntamos para produzir este material que circula periodicamente nos espaços de trabalho ligados à educação. Aqui estão os relatos de professores, estagiários, porteiros, faxineiras, moni-

tores, auxiliares, estudantes, desempregados que pelem para se equilibrar na corda bamba das relações precarizadas de trabalho, seja esta sua própria ou do colega ao lado. A voz rouca não é apenas dos professores que perdem a voz nas salas de aula mas de todos os que se sentem silenciados. Queremos romper as barreiras do medo, da indiferença, da invisibilidade, da angústia impostos pelas relações opressoras de trabalho que roubam nosso tempo de humanidade.

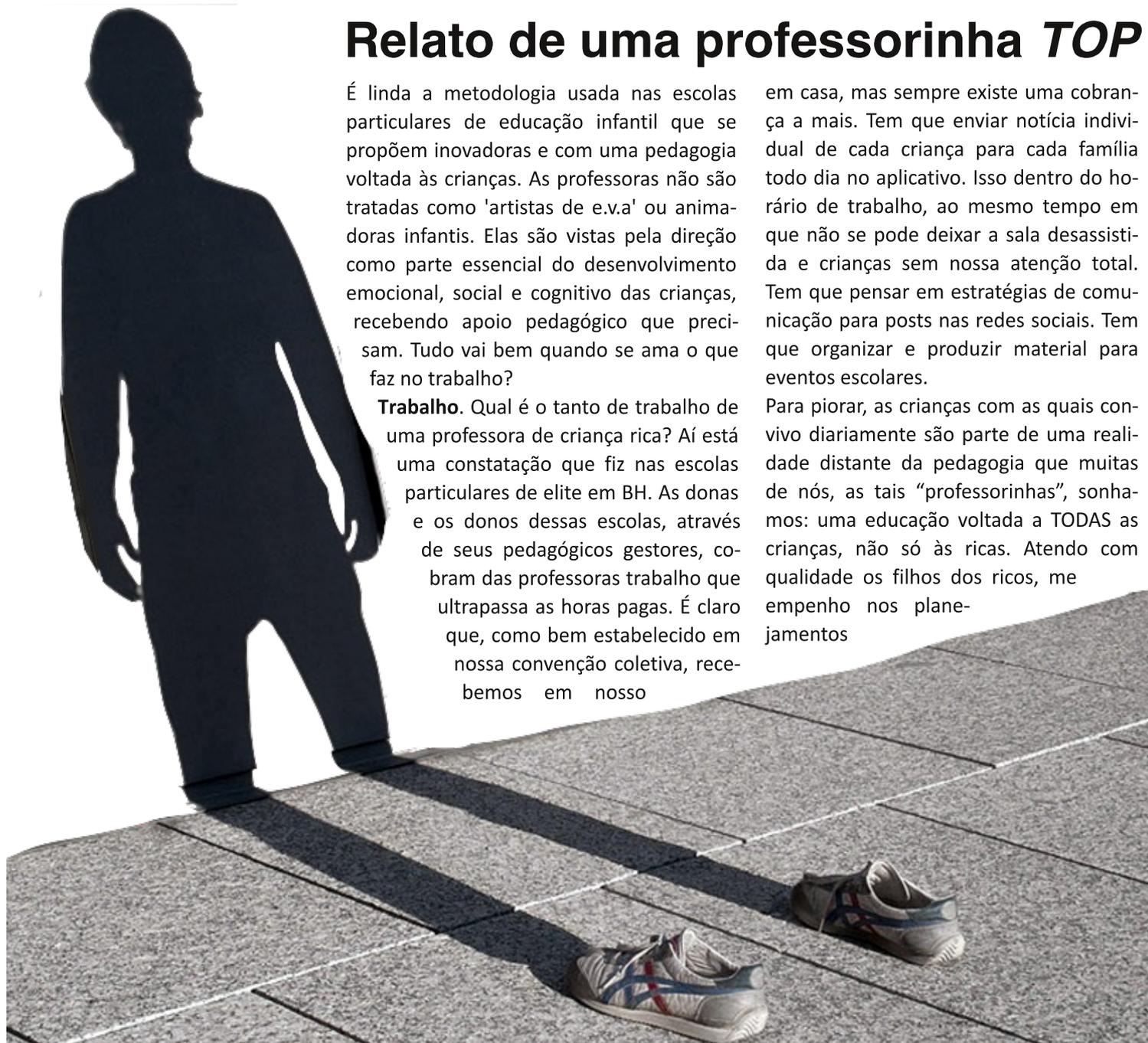
Relato de uma professorinha *TOP*

É linda a metodologia usada nas escolas particulares de educação infantil que se propõem inovadoras e com uma pedagogia voltada às crianças. As professoras não são tratadas como 'artistas de e.v.a.' ou animadoras infantis. Elas são vistas pela direção como parte essencial do desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças, recebendo apoio pedagógico que precisam. Tudo vai bem quando se ama o que faz no trabalho?

Trabalho. Qual é o tanto de trabalho de uma professora de criança rica? Aí está uma constatação que fiz nas escolas particulares de elite em BH. As donas e os donos dessas escolas, através de seus pedagógicos gestores, cobram das professoras trabalho que ultrapassa as horas pagas. É claro que, como bem estabelecido em nossa convenção coletiva, recebemos em nosso

em casa, mas sempre existe uma cobrança a mais. Tem que enviar notícia individual de cada criança para cada família todo dia no aplicativo. Isso dentro do horário de trabalho, ao mesmo tempo em que não se pode deixar a sala desassistida e crianças sem nossa atenção total. Tem que pensar em estratégias de comunicação para posts nas redes sociais. Tem que organizar e produzir material para eventos escolares.

Para piorar, as crianças com as quais convivo diariamente são parte de uma realidade distante da pedagogia que muitas de nós, as tais "professorinhas", sonhamos: uma educação voltada a TODAS as crianças, não só às ricas. Atendo com qualidade os filhos dos ricos, me empenho nos planejamentos



para chegar à sala de aula e proporcionar a cada um deles o ambiente ideal. Participo de cursos de formação continuada e me envolvo ativamente nas reuniões pedagógicas com o intuito de contribuir na formação de crianças conscientes e autônomas.

Autonomia. Qual a autonomia desta mesma professora? Este é um valor ressaltado na maioria dessas escolas caras com pedagogia diferente. No entanto, a professora das crianças ricas não pode exercer sua autonomia. Ela nem sempre pode trazer questões problematizadoras; é a coordenação quem decide e impõe o que pode ou não ser dito. Tem escola que não permite à professora ter tatuagem ou ser atuante politicamente. Se ela falar sobre as próprias condições de trabalho então, e pedir melhorias para ela e para as colegas, pega mal. Afinal de contas, não somos contratadas para "reclamar", muitas professoras queriam ter uma chance de estar ali naquela escola tão renomada.

Relatos de gente invisível

As condições de trabalho dos trabalhadores e trabalhadoras "invisíveis" – os terceirizados da UFMG – são muito piores que a dos servidores concursados, mas recentemente tem conseguido se tornar ainda mais precárias. A sobrecarga de trabalho é cada vez mais insuportável. Segundo um técnico administrativo que acompanhou os cortes de terceirizados da limpeza ao longo dos últimos 4 anos, houve uma redução de cerca de 40% do pessoal contratado em toda a universidade.

– Quando eu entrei aqui no prédio da unidade trabalhavam 9 faxineiras. Depois caiu para 7. Agora com as demissões serão apenas 5.

Em maio deste ano houve o temível momento conhecido como o "troca crachá" do setor da limpeza da UFMG. Isto é, terminou o contrato com a empresa anterior e foi fechado contrato com uma nova empresa terceirizada. Nesses casos, mantém-se apenas parte das funcionárias. Muitas das "que causam problemas" são demitidas, e algumas recontratadas por salários mais baixos.

– Eles perguntaram pra gente quem queria continuar e fizeram uma lista. Parece que tem umas aí que tiveram algum problema que eles vão cortar. Mas acho que é pouca gente. (Terceirizada da limpeza três dias antes do troca crachá)

Falando nisso. Nessas escolas renomadas há muita gente além da professora trabalhando para que os pais ricos vejam como são bem atendidas suas crianças ricas: faxineiras, cozinheiros, secretárias e porteiros. Todos devem estar sorridentes e simpáticos, afinal, é tão bom estar cercado de crianças o tempo todo! Inclusive, para a maioria dos trabalhadores do chão da escola, o tempo em que estão no trabalho é a maior parte do seu dia. Porque ao contrário das professoras, que cumprem parte de sua carga horária em casa, essas pessoas são contratadas por terceirizadas ou pelas próprias escolas em tempo integral. Moram absurdamente longe da escola e precisam passar muito tempo no transporte público, acordar de madrugada para ir para o trabalho e voltar tarde para casa quando suas crianças, que não são ricas, já chegaram das suas escolas públicas e estão indo dormir.



– A copeira da unidade está aí faz tempo mas na última troca de empresa teve que aceitar redução de 30% do salário dela. Antes ganhava cerca de 1600 reais. Agora ganha 1100. (Servidor da UFMG)

Segundo outro servidor, responsável pelos serviços gerais de uma das unidades da universidade, com o corte atual de terceirizadas da limpeza o "Espaço do Conhecimento" da UFMG, localizado na Praça da Liberdade, região nobre da cidade de Belo Horizonte, um prédio de cinco andares com 15 banheiros, será limpo por apenas UMA terceirizada da limpeza.

Desde que essas empresas prestam serviço à universidade pública os seus funcionários não têm acesso a elementos básicos do cotidiano de trabalho:





– *Os terceirizados não têm o direito de comer no restaurante universitário. E nem de usar a rede wifi da UFMG. (Servidor da UFMG)*

As informações são guardadas a sete chaves e a direção da universidade não passa os dados sobre os cortes desses funcionários ou suas condições de trabalho. Por isso, grande parte do que se sabe é recolhido em conversas de copa e corredor com os servidores concursados que têm contato cotidiano com os terceirizados, funcionando como infelizes mediadores desta gestão do trabalho precário.

– *Acabei de sair de uma reunião com os servidores responsáveis pelos serviços gerais da UFMG. 25% das terceirizadas da limpeza serão demitidas. E já tá difícil. Querem que a gente controle coisas que é impossível de exigir com essa quantidade de funcionários. Por exemplo, antes eram 4, agora são 2 funcionárias por andar. Como eu vou exigir que elas limpem os vidros três vezes por semana se mal conseguem limpar o chão e os banheiros com a frequência necessária? Querem fazer a gente ficar cobrando. Não vou fazer esse papel. (Servidor da UFMG um dia antes dos cortes)*

Raramente algum terceirizado se sente seguro para falar de sua condição de trabalho. Nas unidades estão sob permanente vigilância de supervisores, e o temor de advertências e cortes é constante. Ao encontrar uma senhora funcionária da limpeza fora da unidade, ela não hesitou em fazer muitas reclamações.

– *A senhora viu que a hoje é greve? A Unidade vai estar vazia. Não vai ter aula. Vai paralisar.*

– *Vocês que vão paralisar né, fia. Porque a gente vai ter que limpar do mesmo jeito. A gente não para nunca. Não deixam. Não aguento mais. Já pedi minha aposentadoria faz tempo mas não sai nunca. Falam que tão analisando, analisando... Mas Deus abençoe vocês que vão nessa manifestação. (Terceirizada da limpeza na manhã do dia 15 de maio)*

Recentemente encontrei a mesma senhora limpando um gabinete com uma máscara no rosto. Reparei que por debaixo da máscara o nariz dela estava muito machucado. Perguntei o que tinha acontecido. Ela não explicou muito. Disse apenas que estava protegendo com a máscara por causa da poeira. Muita poeira. Muita poeira. Repetia. Machucada. Seguia trabalhando. A gente não para, fia...

Senhora EJA: uma voz terceirizada

A Voz Rouca. Quantos anos a senhora tem? Há quanto tempo a senhora trabalha na escola?

Senhora EJA. Tenho 59 e estou aqui já tem mais de 5 anos.

VR. Como a senhora está percebendo as exigências de aprovação no concurso para continuar aqui na escola?

SE. Estou muito chateada, eu e minhas amigas. Elas estão com medo de não passar na prova. Eu já sei que não vou passar. Comecei a estudar ano passado na EJA, mas é muito difícil aprender a ler. Os professores me ajudam, mas eu esqueço tudo. Já tô com a cabeça cansada, né. Os números eu até entendo, mas as palavras eu não guardo. Já melhorei alguma coisa, mas é difícil aprender a ler depois de velha.

VR. A senhora já havia estudado em alguma escola antes?

SE. Não. Primeira vez. Quando era nova não tinha tempo, tinha que ajudar em casa e não sobrava tempo. Só agora que animei, mas já estou desanimando de novo.

VR. Por quê?

SE. Assim, eu queria continuar, mas esse negócio da prova tá me desanimando. Aqui eu posso estudar de manhã e trabalhar depois. Mas sem esse emprego não vai sobrar tempo para estudar, é difícil conseguir emprego como esse aqui. Vai ser difícil.

VR. O fato de não saber ler prejudica o desempenho da senhora no trabalho?

SE. Eu faço as coisas tudo direitinho. Sempre trabalhei na vida, arrumando casa, e aqui na escola. Também trabalhei muito tempo varrendo rua. A leitura não atrapalha eu fazer meu serviço. Todo mundo elogia as coisas que eu limpo aqui e não reclamam de nada. Aqui na escola eu gosto porque é carteira assinada. Mas com essa prova aí eu vou ficar desempregada. Aí vai ser aquela luta. Eu moro longe e arrumar emprego vai ser difícil com essa idade.

VR. E as suas colegas de trabalho, como estão percebendo essa nova exigência da MGS?

SE. Tá todo mundo preocupada. A gente já percebeu que vai ser difícil continuar. Como vamos passar numa prova dessa!? As meninas daqui entraram no curso, mas tá tudo achando difícil. Tá todo mundo desanimada e vai aumentar o desemprego, né? Já tá difícil e agora vai aumentar.

Mais de 3 mil trabalhadores terão seus vínculos de trabalho suspensos, o que vem gerando uma situação dramática no interior das escolas da Rede Municipal, uma vez que muitos temem não conseguir aprovação no concurso que exige prova de Língua Portuguesa, Matemática e Conhecimentos Gerais. Para a ocupação de Servente Escolar, exige-se o Ensino Fundamental, o que excluirá a Senhora EJA do emprego, assim como muitas trabalhadoras que não se enquadram nas exigências da “modernização capitalista”. No Brasil ainda existem quase 12 milhões de analfabetos e mais de 50 milhões de pessoas, com mais de 15 anos, que não concluíram o Ensino Fundamental. São pessoas com direito à educação negado e sem a qualificação profissional exigida pelo mercado. De servente a doutor, o capitalismo transforma os trabalhadores em objetos descartáveis.

Leu alguma coisa aqui que parece com seu dia a dia no trabalho? Já passou ou passa por situações desconfortáveis como excesso de trabalho, não recebimento do que é seu por direito, constrangimento, pressão ou mesmo assédio por parte dos chefes ou colegas? Compartilhar experiências permite que fiquemos sabendo de situações parecidas, que nos tornemos mais próximos e fortalecidos pra enfrentar o que não achamos justo em nosso ambiente de trabalho. Nossa intenção com este boletim é estabelecer uma rede de apoio entre nós. Se quiser relatar sua história ou a de seus colegas de trabalho, mande um relato para avozroucamg@gmail.com

Garantimos o anonimato dos relatos, garantindo a proteção de [tod@s](mailto:avozrouca.org). Quanto mais troca, mais força!



Distopia do presente: e se o futuro fosse agora?

O celular de Jonas continuou recebendo notificações de novos pedidos de aulas após ser atingido em sua moto por um ônibus que o matou imediatamente, exibindo a outra face do UberClass, o aplicativo que conecta professores a qualquer pessoa que demande uma determinada aula particular (individual ou em grupo). O professor de 35 anos levava em suas costas uma mochila com a marca da empresa, peça obrigatória segundo as normas do aplicativo, onde carregava livros e outros materiais. A maioria desses professores se deslocam de moto pelas grandes cidades para conseguirem atender o máximo de alunos possíveis durante um dia.

A UberClass evita qualificar esses professores como funcionários. São “pessoas independentes” que buscam “rendimentos extras para tornar realidade seus projetos pessoais e profissionais”, disse uma porta-voz da empresa, cujo lema é: “Seja seu próprio chefe”. Mas aos olhos de alguns professores esta “independência” esconde uma precariedade trabalhista alarmante.

“Para UberClass não somos empregados, não assinamos nenhum tipo de contrato. Não temos benefícios, não temos direitos trabalhistas, não somos sindicalizados, nem plano de saúde, nem previdência, nada. Se ficarmos doentes e não trabalharmos, ficamos sem ganho algum”, afirma Marcelo, porta-voz dos “UberTeachers” na cidade de Belo Horizonte. Licenciado em matemática pela UFMG, ele oferta aulas de matemática, química, física e até já se arriscou pela biologia. Segundo o professor o aplicativo funciona de maneira bem simples. “Um aluno, um grupo de alunos ou pais de alunos solicitam determinada aula. O professor que estiver disponível no momento, que possa atender o número de aulas solicitadas e que consiga chegar no local de solicitação em menor tempo é acionado pelo UberClass. Cada aula dura 50 minutos e custa para a pessoa que solicitou R\$26,50. O aplicativo fica com 20%. Chego a dar em média de 8 a 10 aulas por dia, de segunda a sábado. Domingo a demanda é pouca e prefiro descansar.” Cada professor é pontuado pela clientela no aplicativo e os professores com baixa pontuação são descredenciados. Como as demais empresas do setor, com exceção da chilena MaestrosYa, a UberClass não fornece qualquer material para a realização das aulas. Estudantes de graduação, jovens professores sem emprego, professores desempregados por muito tempo e pessoas que buscam rendimentos extras. Esse é o perfil dos “uberteachers”, segundo a empresa. “Não há relação de subordinação, não cumprem horário, não têm exclusividade”, diz a UberClass.